



SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: DIÁLOGOS “FÁCEIS” DE DIZER, PORÉM DIFÍCEIS DE CONVIVER

Raimundo Augusto Martins Torres¹
Celecina Maria Veras Sales²

Neste estudo nos propusemos em cartografar a sexualidade e as relações de gênero na escola a partir dos dispositivos de enunciação presentes nos discursos docentes. Optou-se, portanto, pela pesquisa qualitativa com abordagem cartográfica amparando-se na produção teórica de Michel Foucault e de outros/as autores/as da mesma matriz teórica. A pesquisa ocorreu numa escola pública de Fortaleza-Ceará. No trabalho de campo foram utilizados, a observação, o diário de campo e entrevistas abertas junto aos professores/as no ano de 2007.

Desta maneira, elencamos as matrizes temáticas com as teóricas e fizemos uma análise dos relatos dos/as docentes, destacando as seguintes categorias temáticas, *Os discursos que nomeiam o gênero pelas amarras culturais, Da homossexualidade que assusta à homossexualidade visível e Das outras identidades sexuais menos visíveis e negadas*. Segue, assim, os procedimentos de análises destas categorias ancorando-as na base teórica que ampara a pesquisa, qual seja, o referencial Foucaultiano.

Os discursos que nomeiam o gênero pelas amarras culturais

As relações de gênero são nomeadas tendo como base as formações dos saberes e práticas voltadas para as “amarras” culturais, dentre elas o machismo se apresentou com grande regularidade e evidência no relato dos docentes.

Na opinião dos meninos há uma crítica grande. Quando falam querem colocar a mulher na posição submissa (**Professora de Português**).

As meninas querem jogar com os homens e eles dizem que não dá certo. Digo que sim. Quando eles pegam as meninas que jogam bem até dividem a bola com elas. No geral eles jogam entre si e elas ficam como bibelôs dentro do campo. É a discriminação que elas não sabem. Eles aceitam a presença delas, mas não há jogo (**Professora de Educação Física**).

Estes relatos fazem referência à posicionamentos dos alunos/as em relação à convivência nas práticas educativas na escola. Nota-se, na postura dos alunos, as “amarras” culturais entranhadas na educação que recebem e como as mesmas forjam suas concepções sobre as relações

¹ Professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Doutor em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da UFC - FACED.

Email: augustomtorres@uol.com.br - guto70@hotmail.com

² Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutora em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da UFC – FACED e Pós-Doutora pela Universidade de Lisboa - Portugal.

Email: celecina@secrel.com.br



de gênero e da sexualidade na vida cotidiana. E que os/as professores/as reproduzem essas nomeações discursivas apreendidas nos relatos dos/as alunos/as.

Percebemos, contudo, que os/as professores/as reproduzem, de certo modo, os discursos dos/as alunos/as ao não questionarem o machismo como nomeação fortemente agenciada na educação de homens e mulheres. Essas nomeações são constituídas nas formações discursivas como forma de poder exercido entre os sujeitos, um poder que, na maioria das vezes, “age pelo que se manifesta ou oculta, pois o discurso não é aquilo pelo que se luta ou mesmo um sistema de dominação, mas aquilo pelo qual nós procuramos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p.10).

Foucault (1996, p.11) nos alerta que nas formações discursivas o entranhamento de poder se representa também por modos de dizer uma verdade, às vezes escondida, ou de “enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”.

Nos relatos acima percebemos que os professores/as situam os alunos como sujeitos que colocam essa verdade, quando se referem às relações de inferioridades com que tratam as meninas nas atividades na escola. No entanto, esta postura retrata as diversas maneiras em que as relações de gêneros são constituídas, ou seja, engendradas através de forças que se organizam nos espaços institucionais para dar corpo ao disciplinamento dos sujeitos.

Portanto, as práticas discursivas demarcam rituais que definem as posições que cada sujeito ocupa, bem como as competências para falar e pôr em funcionamento as táticas utilizadas na produção da verdade e os efeitos desta na produção de signos que nomeiam os sujeitos no espaço institucional.

Assim, os discursos “religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados desta prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, 1996, p.38).

Mesmo na condição de educadores não conseguimos romper com o machismo advindo da educação patriarcal que tivemos na infância. Onde o homem a partir de certa idade chega a hora que quiser, bebe, dorme fora. O que não é tido como normal para uma mulher que foi educada para ser mãe, esposa, senhora. O homem é criado para o mundo e a mulher para a família (**Professor de Biologia**).

Neste relato, fica evidente como as nomeações impressas nos gêneros ocorrem e se instrumentalizam a partir dos seus percursos de socialização. Pois mesmo sendo sujeitos que pronunciam determinadas verdades no campo educativo, os/as professores/as vivenciam as tensões marcadas pela educação patriarcal ritualizadas na família e na escola.

A escola, afinal, o que é senão uma instituição de “ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo



doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?” (FOUCAULT, 1996, p.44).

Neste espaço, portanto, os rituais são privilegiados para dar lugar à nomeação dos sujeitos através dos agenciamentos sociais, da apreensão de marcadores culturais e de seus efeitos de verdade.

Nossa cultura é machista. Os meninos acham que são mais fortes e poderosos. Isso aparece na sala de aula e no esporte. Eles dizem ter mais força, vitalidade, velocidade e agilidade do que as mulheres. (**Professora de Educação Física**).

Neste relato, há uma alusão à posição dos alunos a partir de suas socializações, onde algumas qualidades atribuídas aos seus corpos são vitais e utilizáveis no conjunto das práticas esportivas. Eles se compreendem como sujeitos superiores às mulheres, tendo em vista se atribuírem qualidades diferenciadas para algumas atividades sociais. Assim, os corpos vão se aprisionando nos agenciamentos que os gêneros sofrem, tendo na cultura seus efeitos de verdade, suas utilidades e seus limites.

Desta forma, as nomeações de gênero advindas nos relatos dos professores se traduzem como formações discursivas que agenciam³ os gêneros a partir de marcadores culturais, com evidência ao machismo. Tendo, todavia, um desdobramento no modo como homens e mulheres percebem as hierarquias e as diferenças nas relações de gênero e da sexualidade na vida cotidiana. Vale ressaltar, no entanto, que os/as professores/as ao se reportarem sobre as relações de gênero se posicionavam com referência a certa naturalização, como se estas questões estivessem, socialmente, resolvidas em decorrência da maior inserção das mulheres nos espaços sociais.

Da homossexualidade que assusta à homossexualidade visível

Neste item, destacaremos, portanto, a referência feita pelos/as professores/as quando afirmaram em seus relatos, a homossexualidade masculina como o motor da convivialidade no cotidiano da escola e, sendo esta identidade sexual, a que mais desestabiliza, que “assusta”, que “perturba” o território escolar. Ao mesmo tempo em que ela é interpretada, nestes relatos, por disputas e delimitação de espaços no âmbito das relações subjetivas produzidas nas práticas escolares.

³ **Agenciamento** é uma estratégia maquínica de corpos, de ações e de paixões, ou seja, uma mistura de corpos reagindo uns sobre os outros. E que se expressam através de enunciados que se remetem às transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. O agenciamento tem lados territoriais ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte picos de desterritorialização que o arrebata (MENEZES, 2006).



No entanto, não percebemos nos relatos dos/as professores/as a referência à homossexualidade feminina, que só foi comentada quando indagamos sobre a mesma. Esta, portanto, parecia não “existir”, pois poucas falas apontavam sua presença no contexto da escola.

Na maioria dos relatos docentes, a sexualidade apareceu espontaneamente relacionada à homossexualidade masculina, sendo esta visivelmente percebida na escola. Notamos que ao indagarmos os/as professores/as, havia nos seus relatos uma referência direta à sexualidade como se esta fosse a homossexualidade masculina, em especial. Uma vez que argumentavam o tema com riqueza de detalhes e sem indicar outras identidades sexuais que não fossem as que se expressavam nas estilísticas dos meninos *gays*. Enquanto as meninas lésbicas eram pouco citadas nestes relatos com exemplos externos à escola.

Neste sentido, a identificação da homossexualidade masculina e feminina não era livre de preconceitos e discriminações, mas chamava à atenção os comentários dos/as docentes em relação aos comportamentos dos meninos *gays*, pois admitiam a existência da discriminação, porém, isso não atrapalhava a convivência na escola.

No relato abaixo, percebe-se a invisibilidade da homossexualidade feminina com a surpresa da professora ao ser indagada sobre essa identidade, embora depois relatasse que, em sua família, havia uma senhora que tinha uma companheira e há tempos moravam juntas, sendo tratadas com respeito por todos.

Engraçado, nunca uma menina me procurou falando desse tema. As que falavam criticavam aquelas que elas conhecem. Eu digo, não pode ser por aí. Se você não aceita você fez a sua escolha. Você não pode repudiar uma pessoa pela escolha sexual. Não tenho nenhum constrangimento (**Professora de Química**).

A homossexualidade feminina não é visível nos espaços institucionais, pois parece haver certo afrouxamento da cultura heterossexual nas relações entre mulheres. Os contatos entre elas se expressam de modos aceitáveis com estimulação de afetuosidades nos espaços públicos, de modo que tais comportamentos não comprometem suas orientações sexuais.

Butler (2003) explica que as sociedades urbanas ocidentais têm privilegiado as identidades sexuais com referência no imperativo heterossexual. Destaca que a sexualidade válida, normal e legítima, é aquela que opera pelo binarismo das categorias homem e mulher, o que dificulta a interpretação de outros modos da sexualidade.

Nos alerta Butler (2003), que ao tratarmos sobre a homossexualidade não podemos considerá-la como sendo um plágio do feminino no masculino ou do masculino no feminino, mas sim pela produção da sua diversidade e das formas de expressão e interpretação, ou seja, por um modo performativo de suas significações e construções.



Nos relatos a seguir se percebe como a homossexualidade é abordada pela professora na relação com os/as alunos/as, tendo como referência o trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula.

Eu senti uma certa rejeição em um aluno sentado separado. Então, perguntei por que aquilo estava acontecendo, aí uma aluna foi e me disse: [...] é porque ele é homossexual. Aí levantei o discurso. O que me dava mais satisfação era de lidar com jovens no meu dia-a-dia, exatamente, pela falta de preconceito, pois sempre se mostravam muito aliados na aceitação dos diferentes. E aí eu estava ali muito impressionada com aquela postura porque há vinte e sete anos estava em sala de aula e nunca tinha observado aquele tipo de comportamento dos jovens em relação a qualquer diferença (**Professora de Geografia**).

A homossexualidade masculina, destacada no relato da professora, reflete o modo como os gays são tratados no ambiente de aprendizagem, ou seja, é através do *habitus* homofóbico presente nas posturas dos/as alunos/as na convivência na sala de aula. Isso reflete, em parte, a construção social da homossexualidade comparada à “doença contagiosa” transmitida de uma pessoa a outra.

Loiola (2006), em seu estudo sobre a diversidade sexual analisa a relação dos/as jovens no espaço escolar e seus contatos com os temas da sexualidade e das relações de gênero. Neste, enfoca como esses/as jovens concebem a homossexualidade bem como ela é posta em discussão no dia-a-dia das práticas educativas na escola; destaca que esses sujeitos “geralmente, emitem enunciados muito confusos sobre a homossexualidade, não tendo uma posição definida sobre o assunto, são contraditórios quando afirmam que [...] não tenho preconceito desde que me respeite” (LOIOLA, 2001).

Porém, o preconceito é notório, desde que não invada o espaço do outro tido como heterossexual e que, portanto, estaria sendo desrespeitado ao compartilhar de atividades grupais. Essa percepção é reforçada pelos discursos instituídos na escola, na Igreja, na mídia, ganhando força no imaginário social onde o imperativo heterossexual é dominante.

Assim, fica evidente como a homossexualidade é concebida no campo da escola; sua presença provoca entre os pares comportamentos repugnantes e violentos. Porém, ao mesmo tempo em que a homossexualidade é tratada com estas discriminações, nos relatos dos/as professores/as da escola pesquisada, ela aparece com muita visibilidade, pois ao nos reportarmos à sexualidade os mesmos faziam relação direta à homossexual masculina.

É interessante refletirmos sobre essa visibilidade que os/as docentes dão à homossexualidade masculina manifestada no espaço escolar. O que nos provoca as seguintes indagações: estariam esses sujeitos “escamoteando” formas de discriminação, ao se reportarem à sexualidade como sendo a homossexualidade masculina, pois esta lhes assusta na convivência na escola? Ao evidenciar a homossexualidade masculina como sendo a identidade visível e rostizada na escola, estariam



“camuflando” os mecanismos de controle da sexualidade dos/as alunos/as a partir de táticas discursivas disciplinares? Tais questões serão analisadas no decorrer deste texto no intuito de percebermos as tensões que elas nos provocam.

Destarte, quando os/as professores/as apontam as identidades homossexuais masculinas como dizíveis e visíveis, estão incitando essa identidade a falar, a produzir-se, para que a partir dessas estratégias discursivas ela possa ser localizada, identificada e capturada pelos agenciamentos disciplinares produzidos na escola.

Das outras identidades sexuais menos visíveis e negadas

Os relatos dos/as professores/as destacam que a homossexualidade feminina é quase imperceptível na convivência com os/as alunos/as, devido às meninas não assumirem, publicamente, suas identidades lésbicas.

As professoras mantêm o diálogo com as meninas possibilitando que falem de seus desejos em relação à vivência da homossexualidade. Destacam que suas identidades sexuais são reservadas, contidas, porém, no trecho da fala “é o outro lado do homossexualismo”, notamos que essas dizibilidades apontam as oposições na própria categoria homossexualidade.

Um exemplo são as femininas, enquanto outras gostam de fazer papel de macho. As femininas apreciam na mulher a feminilidade, tanto que se vestia de rosa e era chamada de Barbie (**Professora de Português**).

Desta maneira, as identidades sexuais são tomadas tendo como referência as oposições entre masculino e feminino, sendo que os meninos gays abrigam em suas expressões maneirismos femininos, enquanto, as meninas as caricaturas do macho. Portanto, as identidades homossexuais femininas são tomadas pela referência às identidades masculinas heterossexuais e as dos homossexuais masculinos às identidades heterossexuais femininas.

As identidades lésbicas, no entanto, são quase imperceptíveis nos relatos dos/as professores/as em contraposição às identidades *gays*, que são cartografadas através de um discurso positivo. Todavia, estes dispositivos discursivos produzem estratégias que facilitam os agenciamentos disciplinares destas identidades.

Porém, outras identidades sexuais e de gênero parecem escapar e subverter essa lógica que apresentamos acima. Pois para os sujeitos, a sexualidade pode ser vivenciada de diversas maneiras, seja em relação às experiências conjugais, à reprodução biológica, como parte da subjetividade e/ou identidade, ou mesmo no sentido da resignificação de práticas tidas como naturais e imutáveis (VALE & PAIVA, 2006).



Neste sentido, o relato a seguir apresenta outras visibilidades sobre as identidades sexuais, quando tenta romper as fronteiras da universalidade e do binarismo e fogem à lógica de oposição entre *gay* e lésbica, pois se apresentam numa montagem estética tentando subverter os encaixes da sexualidade heteronormativa.

Aqui tinha um aluno que vinha para aula de salto, todo maquiado, blusa transparente, de brincos, todo extravagante. Uma pessoa do grupo gestor falou que ele não podia vir daquele jeito. Ele veio se queixar comigo alegando que as meninas usavam e ele não poderia. Disse-lhe que as questões sociais sobre homossexualismo ainda não foram resolvidas. Nós ainda não estamos preparados para você entrar assim. Temos as normas. Esse aluno não conseguiu terminar o ano letivo. Depois de um ano ele veio nos visitar, estava todo transformado dizendo que iria embora para outro país. Então, faltou preparo por parte dos professores para conversar (**Professora de Artes**).

O sexo e a identidade de gênero aqui são confrontadas a lidar com as subversões do corpo e da estética de se auto-transformar, pois o menino assume essa posição de querer mudar sua apresentação como sexo biológico para sua identidade de gênero.

Há, neste relato, uma demonstração de como a escola opera a padronização das identidades sexuais, pois mesmo com a aceitação da pluralidade sexual, a regulação e encaixe nos modelos heterossexuais continuam fortemente alimentados nas instituições sociais.

Butler (2003) considera que a sexualidade pensada pela ótica do poder, através dos discursos que a produzem, é concebida pela relação sexo-gênero-desejo. No entanto, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2003, p.25).

Reitera-se, a partir da argumentação da autora citada, que colocar a dualidade do sexo no domínio pré-discursivo é uma das formas de garantir a estruturação binária do sexo e sua estabilidade interna.

Contudo, ao se desconstruir a lógica binário dos gêneros se estará questionando as formas de poder implícitas na dicotomia masculino e feminino, pois até mesmo a diferença sexual carrega em si uma relação entre natureza e cultura, biológico e social.

Considerações finais

Para tanto, ao destacarmos a instabilidade e pluralidade das identidades sexuais e de gênero, estamos destituindo a fixidez das categorias, heterossexualidade, homossexualidade, entre outras, e permitindo aos sujeitos atravessem fronteiras, subverterem as lógicas universais e produzirem diversas e variadas formas de relações em seus cotidianos. No entanto, nomeações realizadas pelos dispositivos discursivos sobre a sexualidade e as relações de gênero na escola se apresentam quase



imperceptíveis nos relatos dos/as professores/as, quando situam a homossexualidade feminina como uma identidade pouco rostizada nesse espaço social. E “abjetam” aquelas que tentam romper a lógica binária do sexo/gênero, como são as identidades travestis.

Contudo, ressaltamos que estas identidades não estão eximidas dos agenciamentos disciplinares, dos controles e das táticas de vigilância produzidas nas relações educativas na escola, tendo em vista ser este espaço um lugar de excelência na articulação de saberes, práticas e discursos que engendram os sujeitos e suas verdades.

Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. **Revistas Aulas**, São Paulo, n.3, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LOIOLA, Luis Palhano. **Coisas difíceis de dizer**: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens. 2001. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2001.

_____. **Diversidade sexual**: para além de uma educação sexual escolarizada. 2006. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2006.

MENEZES, Rodrigo Carqueja de. **Devir e agenciamento no pensamento de Gilles Deleuze**. Comum, Rio de Janeiro, v.11, n.26, p.66-85, 2006.

VALE, Alexandre Fleming Câmara; PAIVA, Antonio Crístian Saraiva (Orgs.). **Estilísticas da sexualidade**. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC; Campinas: Pontes Editores, 2006.